

# humanitas

**Vol. XXXVII-XXXVIII**

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HUMANITAS

VOLS. XXXVII-XXXVIII



C O I M B R A

MCMLXXXV-MCMLXXXVI

VINCENZO DI BENEDETTO, *Il medico e la malattia. La scienza di Ippocrate*. Torino, Einaudi, 1986. XII + 302 pp.

A medicina antiga tem sido motivo de renovado interesse nos últimos decénios. Edições críticas e monografias (entre as quais é justo destacar as de Grensemann), colóquios hipocráticos realizados trienalmente desde 1975, e com actas publicadas, ou colóquios sobre os textos médicos antigos, todos estes factos demonstram a existência de um sentimento generalizado de que a medicina grega ainda tem muito que ensinar.

Vem nesta corrente o livro de Di Benedetto, cujo título programático revela desde logo a intenção do autor, de pôr a tónica sobre a questão da relação entre o clínico e essa entidade que aos poucos vai ganhando realidade, que é a doença. Como observa o A. (pág. 21), os «diversos modos de apresentar a doença explicam-se assim por uma situação cultural em que a relação médico-doença não estava ainda definida de modo unívoco».

Esta observação vem, aliás, na sequência de uma indagação sobre a maneira de denominar as enfermidades no *Corpus Hippocraticum*. Esse passo, juntamente com a análise dos termos cunhados com base no sufixo *para-* (págs. 47-50) e a destriça de significado entre *τεκμαίρομαι, συνίημι, λογίζομαι* (págs. 103-105) e de *σκέπτομαι* (págs. 106-110) é igualmente útil para os estudiosos da linguística grega.

Mas este estudo é, fundamentalmente, de história da ciência, e assenta num saber que não se confina ao mundo helénico. Um dos seus contributos mais valiosos é precisamente a comparação com os conhecimentos médicos egípcios e assírio-babilónios (1550 a.C.) a qual permite concluir que é exclusivamente grega a própria noção de doença, como um dado complexo, mas de carácter unitário; a noção de tendência e de probabilidade; a noção de desenvolvimento da doença, à qual se liga a de maturação, paroxismo e crise; o conceito de apóstase; a noção de distúrbios psíquicos; a teoria dos humores. Seria de acrescentar o carácter marcadamente racionalista de alguns tratados, nomeadamente o da *Doença Sagrada*, que não aparece aqui suficientemente explorado. Em contrapartida, o A. põe bem em relevo a tonalidade mais especulativa de *A Medicina Antiga*, com a sua problematização de *metron* — uma ideia tipicamente grega, aqui aplicada às relações entre médico e doente. Discute também a importância especial de *As Fracturas* e *A Redução das Articulações*, como iniciadoras do estudo da anatomia e fisiologia das articulações (e o cap. XI intitula-se significativamente «O nascimento da anatomia», ciência cuja eclosão é costume colocar na época helenística, com Herófilo). Difícil é, na verdade, delimitar a fronteira entre o que são os alvares de uma ciência e a formulação estruturada do saber, mas, não obstante o impressionante elenco de conhecimentos apresentado na pág. 240, parece-nos mais adequado falar de precursores, embora numa fase mais avançada do que Alcmeón de Crotona e Empédocles.

O A. ocupa-se com demora e profundidade de duas questões muito discutidas desde sempre, mas particularmente nos últimos anos: as relações entre a escola de Cós e a de Cnidos, objecto do cap. III, e a cronologia dos principais tratados hipocráticos, tema do cap. XIII.

Quanto ao primeiro ponto, faz um hábil aproveitamento de textos de Galeno, para concluir que o famoso médico da época romana conheceu várias escolas, e nunca contrapôs expressamente Cós e Cnidos; pelo contrário, a ideia de uma oposição entre ambas é uma invenção moderna (pág. 75); nem pode, de resto, falar-se de uma escola de Cnidos como qualquer coisa de unitário (pág. 76). Outro dado interessante que aduz — aliás, já apontado por Kudlien — é a inscrição de Delfos de c. 360 a. C., em que se fala de um *koinon* ou associação dos Asclepiades de Cós e de Cnidos. Neste particular — negação da oposição entre as duas célebres escolas — o A. encontra-se na mesma linha que a investigação mais recente, como, por exemplo, o livro de A. Thivel, *Cnide et Cos? Essai sur les doctrines médicales dans la Collection Hippocratique*, Paris, 1981.

Mais discutível é a polémica com Gmerk que, em comunicação apresentada ao Congresso de Lausanne, em 1981, defendeu a tese de que o essencial dos escritos cirúrgicos do *Corpus Hippocraticum* é datável de antes da segunda metade do séc. v a. C., com base sobretudo em dois textos: Heródoto III. 129-130, a propósito da cura do pé de Dario, em que Democedes de Crotona superou os médicos egípcios, aplicando-lhe um método terapêutico equivalente a *Fracturas* 10; Galeno XVIII.1.731, segundo o qual Ctésias de Cnidos censurou Hipócrates por praticar a redução da luxação da anca. Entende o A. que o primeiro passo é insuficiente, e o segundo não prova necessariamente que Galeno tivesse em mente *As Fracturas*. Poderia a questão alargar-se a outros indícios cronológicos, acrescentaremos nós, se aceitarmos cerca de 433 a. C. como data dramática do *Protágoras* de Platão, onde se refere Hipócrates de Cós como uma pessoa viva (311b-c) e onde o sofista diz que podia ser pai de três das figuras presentes, Sócrates, Pródico e Hípias (317c), e combinarmos estes dados com o *Ménon* (91e), onde se afirma que o mestre de Abdera morrera aos setenta e quatro anos, e ainda com o fragmento dos *Kolakes* de Êupolis, premiados em 421 a. C. Mas tudo isto mais não faz do que avançar a data para além da que foi proposta por Gmerk. Por outro lado, o texto de Heródoto, se diz somente que Democedes tinha aprendido com outro médico, sem especificar qual, também não exclui a possibilidade de este ser um Asclepiade.

Outros aspectos da medicina hipocrática são ainda tratados, como os processos de cura, o uso de instrumentos e, num longo capítulo, os distúrbios psíquicos (cap. II). Nesta parte é também de realçar, para além da minuciosa análise de cada um deles, a alusão ao começo do Canto XXIV da *Ilíada*, cuja descrição dos movimentos de Aquiles no seu desespero prefigura já a ordem por que as posições do paciente se sucedem em *Prognósticos* 3.

Conjugam-se no *Corpus Hippocraticum* a face humana e a face científica da Medicina, uma e outra nas primeiras afirmações do seu respectivo valor. O estudo em apreço surpreende-as e analisa-as a ambas com penetração e segurança.